

# O JOGO E A INTERPRETAÇÃO. SENTIDO E SIGNIFICADO EM LEVI-STRAUSS E JACQUES DERRIDA

Evelina Hoisel

## RESUMO

Exame das relações entre Estudos Literários e Ciências Humanas a partir das noções de sentido e significação conforme configuradas pelo discurso da Antropologia de Lévi-Strauss e da filosofia de Jacques Derrida. Demonstra-se como um mesmo aparato conceitual - o jogo - opera de maneira distinta em posturas epistemológicas diferentes e como essa diferença repercute na problemática da interpretação.

Não é de hoje que os Estudos Literários - Teoria, Crítica e História - buscam em outras ciências uma metodologia através da qual podem melhor emprender a tarefa de conhecer a especificidade do objeto literário. A utilização desses métodos pertencentes principalmente às Ciências Humanas não confere aos Estudos Literários um caráter de dependência a outras modalidades do conhecimento, como também não implica numa mera transposição de instrumentos teóricos e analíticos. Mesmo utilizando-se de postulados específicos de outras áreas, os Estudos Litera

rios têm sua autonomia comensurada apenas a seu objeto.

Essa busca de métodos em outros campos é consequência de uma manobra articulada pela própria literatura e também dela específica, uma vez que se constitui como uma linguagem que escreve o ser em suas diversas dimensões: psíquica, histórica, antropológica, semiológica, filosófica, etc.

Se, no século passado, a Filosofia e a Sociologia foram as ciências que mais contribuíram para a compreensão do literário, no século XX, o avanço que se processa nas Ciências Humanas amplia consideravelmente a possibilidade de se repensarem questões estritamente literárias. Esse aspecto se acentua à medida que as Ciências Humanas desenvolvem neste século uma preocupação fundamental com o tema da linguagem, podendo assim contribuir para o desvelamento da linguagem literária. Os Estudos Literários se caracterizam então pela interdisciplinariedade, encontrando na Lingüística, Psicanálise, Semiologia, Antropologia, Filosofia, etc. uma pluralidade de perspectivas teóricas e analíticas.

Devido à amplitude e abrangência do literário como espaço que congrega as diversas manifestações do ser, a escolha de um determinado aparato conceitual e metodológico de outra ciência fica a critério do pesquisador, mas a partir de uma exigência do próprio texto em estudo. A escolha de postulados científicos diferentes implica também uma concepção diferente da natureza da literatura, resultando assim numa postura crítica-interpretativa distintas.

Neste trabalho, abordamos algumas questões da relação entre Estudos Literários e Ciências Humanas. Elegemos para isso alguns aspectos do estruturalismo francês: o jogo e a problemática da interpretação a partir da configuração das noções de sentido e significação. A escolha do estruturalismo se justifica por ser método dos mais fecundos e controvertidos dentre os diversos já utilizados pelas Ciências Humanas no nosso século. Sabemos como o estruturalismo se revestiu de formas bastante variadas e como a noção de estrutura adquiriu significações bastante distintas, permitindo inclusive que a

maior crítica que se construiu contra o conceito de estr  
tura se processasse no interior do próprio movimento.

Os Estudos Literários herdam das diversas Ciên  
cias Humanas essa diversidade de formas assumidas por uma mesma metodologia, e isso traz conseqüências tanto para a concepção da natureza da literatura - Teoria da Literatura -, quanto para a maneira de ler o texto literário - tarefa da Crítica Literária. Com esse objetivo, preten  
demos primeiramente esclarecer alguns pontos de conq  
ucordância e afastamento de duas postulações: uma, que pressupõe que a análise pode exaurir o sentido do discurso que toma como objeto de estudo. Nossas reflexões partirão, no que se refere a este aspecto, do estruturalismo de Lévi-Strauss, uma vez que ele abriu um campo teórico e analítico fecundos para os estudos literários. Outra, que se fundamenta no princ  
ípio da relatividade do sentido. Para esta postulaq  
ção, inclusive, o mais correto é abolir a palavra sentido, substituindo-a por significação. Aqui, bas  
searemos nossa abordagem na obra de Jacques Derrid  
a, uma vez que é seu aparecimento na cultura franç  
esa contemporânea que muda as discussões em torno das Ciências Humanas e do discurso da Crítica Liter  
ária. Interessa-nos registrar como o discurso de Derrida questiona os fundamentos científicos do disc  
urso da Antropologia de Lévi-Strauss, mas se const  
rói a partir de algumas concepções que considera fundamentais, inclusive para "desconstrução" do pens  
amento metafísico ocidental, utilizando-as como ferramenta para a sua estratégia de trabalho.

Nossa tarefa terá pelo menos três etapas a perfazer - a) estabelecer o que parece haver de com  
um aos dois discursos e que se constitui como uma espécie de aparato conceitual que serve de meio par  
a a operacionalização dos mesmos; b) demarcar os limites da semelhança, isto é, mostrar como um mesm  
o aparato teórico pode operar, e opera, de forma diferente, a partir de uma determinada estratégia de trabalho ou de uma postura epistemológica diferente. Neste ponto, faremos um recorte que permitir  
á fixarmo-nos no papel do j  
ogo e determinar qual será seu rendimento nos dois tipos de abordagem:

aquela que tenta apreender o sentido do texto e a que declara sua impossibilidade; c) indagar sobre o rendimento e/ou consequência da divergência das pos tulações para a interpretação do discurso/texto li terário.

A abordagem do primeiro item será realizada com a mediação de um artigo de Derrida, "A estrutu ra, o signo e o jogo no discurso das Ciências Huma nas"<sup>1</sup>, onde ele mostra como no discurso de Lévi-Strauss se encontram alguns dos pressupostos funda mentais para desconstrução e descentramento da meta física ocidental, questionando, todavia, a base sob a qual repousa a "cientificidade" do pensamento do antropólogo: a lingüística de Saussure, prisioneira do fono-logocentrismo, denunciada pelo pensamen to gramatológico. Se bem que, nesse mesmo artigo, ci te os discursos de Nietzsche, Freud e Heidegger co mo os que mais importam para pensar o ato do desceñ tramento e abalar o edifício da metafísica, na rea lidade, o grande personagem desse artigo é o discur so de Lévi-Strauss, pelo fato dele já ser detentor de determinados conceitos com os quais Derrida pode rá ler os textos da Filosofia, principalmente o Fe dro em "La pharmacie de Platon". O artigo mostra co mo o trabalho de Lévi-Strauss serve de lição metodo lógica para a desconstrução da filosofia ocidental. Inicialmente, porque está fundado num duplo gesto, ao qual Derrida denomina de economia e estratégia, e que orienta todo seu projeto:

Lévi-Strauss permanecerá sempre fiel a esta dupla intenção: conservar como instrumento aquilo cujo valor de verdade ele critica.<sup>2</sup>

Ainda que Derrida estabeleça uma diferença en tre lingüística/semiologia e gramatologia, a partir da crítica que faz aos pressupostos lingüísticos do estruturalismo, ele sente a necessidade de continua re, por exemplo, usando o conceito de signo, como o fez Lévi-Strauss, por questões de economia e de es tratégia, mas denunciando-o, quando afirma procurar transcender a oposição sensível/inteligível. Essa de núncia consiste numa crítica da linguagem.

Para perseguir o movimento dessa "crítica da

linguagem" e dessa "linguagem crítica", que se dá no discurso das Ciências Humanas, Derrida escolhe como "fio condutor" a oposição clássica entre natureza e cultura, usada por Lévi-Strauss em Les Structures élémentaires de la parenté, com o intuito de demonstrar o uso indevido dessa oposição e como a linguagem carrega em si a necessidade de sua própria crítica.

Fixamo-nos, preferencialmente, naquilo que Derrida toma como segundo fio condutor: a questão das "mitológicas" que nos parece importante por dois motivos: por se constituir como a solução ideal da lição metodológica de Lévi-Strauss e porque possibilitará pensarmos o rendimento dessa lição para a problemática da interpretação.

É a partir do que diz Lévi-Strauss das mitológicas que se configuram para Derrida: a) "abandono declarado de toda referência a um centro, a um sujeito, a uma origem ou arquia, a uma referência privilegiada"<sup>3</sup> b) a noção de jogo e de suplemento; c) a possibilidade de pensar a estruturalidade da estrutura. Tudo isso pode ser extraído da denominação de "mito de referência" que se encontra na "Ouverture" de Le Cru et Le Cuit, e é com esse instrumental que ele critica não só o conceito clássico de estrutura, mas a própria prática analítica de Lévi-Strauss e dos estruturalistas do primeiro momento.

A noção de mito de referência impede qualquer fechamento da estrutura, a qual, à medida que é acêntrica, é tensa. Não há mais ponto fixo, mas um lugar onde se efetuam infinitas permutações, porque não há um princípio fundador, uma origem ou um fim, uma presença. Ao princípio ordenador da estrutura clássica que se apaga, Derrida chama de significado transoendental, cuja ausência, enquanto origem absoluta de sentido "amplia indefinidamente o campo e o jogo da significação."<sup>4</sup> Os signos não provêm de nada além deles mesmos e não há sentido fora do movimento da significação. Explicitemos apenas que, se no mito, a ausência de origem é a ausência de um autor, de um sujeito, Derrida ampliará esta problemática para a escritura, tal como configurada em "La pharmacie de Platon". Aí, através de um sistema de

metáfora, a escritura, o texto escrito se torna um discurso parricida, assassina o "pai", isto é, o autor, e este ato lhe concede autonomia para disseminar-se e insemear-se sem a presença dele.<sup>5</sup>

A noção de jogo, tal como usada por Derrida, ainda não está explicitamente marcada em Lévi-Strauss. Todavia, em diversos trechos de sua obra, ela aparece sob a denominação de "relações dinâmicas", através das quais se operacionalizam as análises.<sup>6</sup> Observaremos, também, como é diante dessa operacionalização que mais se mostram as profundas divergências entre a metodologia de análise de um, e a concepção de interpretação do outro.

Derrida chama atenção para o fato de que, para Lévi-Strauss "a totalização é definida ora como inútil ora como impossível"<sup>7</sup>, para daí afirmar que isso está ligado a duas maneiras de se pensar os limites da totalização e como elas coexistem de maneira não expressa no discurso de Lévi-Strauss. Uma se liga ao "conceito de finitude como assignação à empiricidade /.../, "há demasiado e mais do que se pode dizer." /.../. "Outro, sob o conceito de jogo, isto é, substituições infinitas no fechamento de um conjunto finito"<sup>8</sup> que é o campo da linguagem. O movimento desse jogo é o movimento da suplementariedade.

O suplemento é definido como

uma adição, um excesso, um significante disponível que se acrescenta para substituir e suprir uma falta do lado do significado e fornecer o excesso de que é preciso.<sup>9</sup>

Se Derrida já havia detectado no discurso de Lévi-Strauss o movimento do jogo, levando até mesmo em consideração as diversas formas de jogo que aí aparecem, e salientando como a referência ao jogo é sempre tomada em tensão - tensão com a presença e tensão com a história (redução da história), - agora ele extrai da Introdução à obra de Marcel Mauss a noção de suplemento, estritamente ligada à de jogo e que se dá sob a palavra suplementar, se bem que aí não possua ainda as duas direções com as quais será configurada por Derrida: "acrescentar alguma

coisa, o que faz com que sempre haja um excesso", e "suprir uma falta do lado do significado."<sup>10</sup>

Se Derrida constata somente este aparecimento é porque seu artigo data de 1966 e a publicação de *L'Homme Nu*<sup>11</sup> é de 1971, estando seu "Finale" datado de 1967/1970. Numa repensagem e consideração retrospectiva de seu trabalho, a qual se constitui como das peças mais bonitas não só do antropólogo, mas do poeta Lévi-Strauss, e que não se deixa superar nem pela "Ouverture" de *Le Cru et le Cuit*, nem pela lição de humanismo de *Raça e História* ou pelas divagações de viagem de *Tristes Tropiques*, é que Lévi-Strauss, sem nenhuma prudência ou parcimônia, reinstala a noção de suplemento, dessa vez conforme já configurada por Derrida.<sup>12</sup> É usando o suplemento como instrumento conceitual que Derrida coloca a problemática da interpretação e da leitura. Na lógica do suplemento, a interpretação é um tipo de leitura que supletiva um texto, no momento que revela aquilo que estava recalcado. O texto é um todo inesgotável, que deixa sempre uma margem na qual a leitura se processa, e esta margem é o lugar do suplemento.

Feitas estas colocações, a lição metodológica que Derrida extrai da Antropologia fica apenas como reconhecimento quase inevitável de algumas pressuposições em relação às quais seria impossível ocultar a herança. Mas, a maneira de operar com esse instrumental será totalmente diferente e essa diferença não provém apenas do fato de um fazer a leitura de mitos e outro de textos filosóficos. Trata-se da própria postura epistemológica assumida por cada um.

Se Lévi-Strauss não desconfia da necessidade de um aparato conceitual rigoroso através do qual possa operacionalizar as análises e construir o modelo da estrutura, isto é, o plano do sentido que engloba as significações, com Derrida parece não acontecer o mesmo. Ele está sempre suspeitando da "decisão" levada a cabo pelas construções lógicas e, especificamente, as do estruturalismo fono-logocêntrico. O que implicitamente questiona é o equacionamento de noções como descentramento, estruturalidade, jogo e a configuração do modelo.

As críticas que dirigirá cada vez com maior vee-

mência ao estruturalismo e que se proliferam nos diversos ensaios de A escritura e a diferença se dirigem, na sua grande maioria, à questão do sentido. Vimos, anteriormente, como para ele o sentido não existe fora do jogo das significações e como é impossível paralisar este jogo em função do estabelecimento de uma totalidade unitária. Agora, num artigo intitulado "Força e Significação" define o que presume ser o estruturalista

é prender-se em primeiro lugar à organização do sentido, à autonomia e ao equilíbrio próprio, à constituição acabada de cada momento, de cada forma; é recusar deportar para a categoria de acidente aberrante tudo o que um tipo ideal não permite compreender./.../ Quer se trate de biologia, de lingüística, como perceber uma totalidade organizada sem proceder a partir de seu fim, pelo menos da presunção de seu fim? E se o sentido não for o sentido senão numa totalidade, como surgiria se a totalidade não estivesse animada pela antecipação de um fim, por uma intencionalidade que aliás não é necessariamente e em primeiro lugar a de uma consciência?<sup>13</sup>

Percebemos a pertinência dessas críticas de Derrida aos estruturalistas do primeiro momento, quando do conhecemos as propostas formuladas para a abordagem literária por Gerard Genette, Roland Barthes (evidentemente não nos referimos ao Barthes de O prazer do texto), Greimas, entre tantos outros. Conforme já foi assinalado por Silviano Santiago, estes tipos de análises, denominadas de "leitura opaca",

tinham a diferença como conceito semântico, mas não a tinham como conceito operacional./.../ Tinham o jogo e a relação como inspiradores do significado a ser apreendido do texto, mas não os tinham como elementos estruturantes.<sup>14</sup>

O que indagamos, a partir desse momento, é até que ponto essas críticas podem ser dirigidas também ao estruturalismo de Lévi-Strauss e à vertente da Teoria e Crítica da Literatura que surge diretamente vinculada à Antropologia.



Com essas formulações, já nos introduzimos na segunda parte de nossa tarefa: mostrar como um mesmo instrumental ou aparato teórico - no caso específico do nosso corte: o jogo, - opera de maneira diferente a partir de uma determinada estratégia de trabalho ou de uma postura epistemológica diferente.

Partiremos aqui da afirmativa de que, no discurso da Antropologia, como da Crítica Literária a ela filiada, a noção de jogo, anteriormente explicitada, existe como estratégia de análise, ou ponto de partida para a interpretação, mas se encontra neutralizada quando do estabelecimento da dimensão ausente do discurso, isto é, da construção do paradigmático, do sentido (modelo da estrutura). Se a dimensão visível de um discurso - quer seja ele mítico ou literário - não oferece senão significações, ou seja, interpretação que não abole uma pluralidade de outras, o que se pretende, a partir da construção do sentido, é estancar essa polissemia através da formalização e demonstração dos elementos em jogo, isto é, em relação, reduzindo-os, pois, a modelos lógicos.

Vejamos o que Lévi-Strauss propõe em relação aos mitos.

Já de posse da lição de Durkheim sobre os mecanismos lógicos imanentes à religião dos chamados povos primitivos, Lévi-Strauss deduz uma atividade intelectual cujas propriedades não podem ser o reflexo da organização concreta da sociedade, ainda que sejam também por ela sensibilizadas e tentará, por trás das relações concretas, estabelecer a estrutura subjacente e inconsciente, o que será obtido pela construção dedutiva de modelos abstratos.

De acordo com o que se lê também na "Overture" das Mythologiques, a análise estrutural visa o estabelecimento de uma sintaxe comum dos mitos americanos e a apreensão das regras gramaticais que organizam essa sintaxe, através da qual se pode agrupar uma série interminável de temas. A apreensão do sentido depende dos termos colocados em relação, ou seja, em jogo, pelo analista. Uma vez alteradas as correlações, há, conseqüentemente, um sentido diferente, ainda que o instrumental analítico seja o mesmo.

Universitas.Cultura. Salvador, (33): 59-75, jul./set. 1985

mo. 15

Através de uma análise sempre realizada na transparência de um mito sobre outro, portanto de um jogo relacional de uma intertextualidade - procura-se atingir as estruturas homólogas das "mitológicas". Mas, a multiplicidade de conteúdos e temas que se manifestam sob a forma de uma irradiação interminável das variantes, produto das diversas transformações por que passa um mito, não encontra equivalência no que se refere às operações lógicas que as geram e que, pela análise, podem ser redutíveis a uma fórmula:

Quaisquer que sejam as precisões e modificações ca recidas pela fórmula abaixo, estamos desde logo con vencidos que todo mito (considerado como o conjunto de suas variantes) é redutível a uma relação canôni ca do tipo:  $F_z(a): F_y(b) \approx F_z(b): F_{a-I}(y)$ <sup>16</sup>

Para chegar à formulação das deduções lógicas, a análise se serve da formalização, por meio da qual se constrói o modelo da estrutura, - o plano do sen tido - o qual não é apreendido a partir da cadeia sintagmática, ainda que esta seja o ponto de parti da. O sentido é produto de uma construção paradigmá tica, isto é, um conjunto de derivações lógicas demon stráveis através do modelo, e lugar onde se deposita a articulação do inconsciente. Com esse conjunto de derivações lógicas que é o paradigma, a análise estrutural pretende demonstrar uma semântica que se oculta por trás da cadeia sintagmática.

Na metodologia de análise de Lévi-Strauss, a construção paradigmática se faz a partir de um des centramento - não há versão privilegiada, o mito de referência é apenas um "fio condutor" de uma análi se - e de um jogo, isto é, de uma relação dinâmica dos segmentos da cadeia sintagmática. Este jogo é promovido pelo próprio analista quando coloca em confronto inclusive os elementos que, às vezes, per manecem dissimulados como um resíduo inerte em cada mito ou fragmento de mito. Em Le Cru et le Cuit, Lévi-Strauss aponta as maneiras de se constituir a di mensão paradigmática. Uma consiste

em recortar a cadeia sintagmática em segmentos superpostos, através dos quais demonstrar-se-á que eles constituem variações sobre o mesmo tema. O outro procedimento, complementar do precedente, consiste em superpor uma cadeia sintagmática tomada na sua totalidade, ou seja, um mito inteiro com outros mitos ou fragmentos de mitos. Conseqüentemente, trata-se cada vez de substituir uma cadeia sintagmática por um conjunto paradigmático.<sup>17</sup>

O jogo parece ser a própria condição para o estabelecimento do sentido, mas, no momento em que este se constrói, aquele paralisa. O sentido só nasce com as remissões substitutivas contudo, esse nascimento, que não se dá ao acaso, é a condição assassina do jogo. Uma vez capturada a presa, — a construção paradigmática onde o sentido se retrai, — o jogo se esgota, a polissemia se reduz à univocidade do sentido. O feixe de metáforas dos mitos se estanca quando se revela a lógica interna que as comanda. Com o estabelecimento do modelo, as relações dinâmicas que poderiam ser multiplicadas ao infinito, possibilitadas pela acentricidade da estrutura, força motriz do jogo e das remissões substitutivas, se esgotam, uma vez que foi apreendida a motivação interna dos termos em relação. Captada a anti-cena do não dito, o jogo é paralisado por causa do enquadramento de suas peças nas formalizações lógicas, pelo instrumental analítico, quer seja do discurso mítico ou do discurso literário.

A formalização é pois a própria maneira de enquadrar essas relações num aparelho conceitual. Ainda que esse aparelho não se proponha a fechar o campo de possibilidades do objeto em estudo, tem a pretensão de demarcar a linha divisória que separa o discurso da ciência do discurso em estudo — mítico/literário.

A postura epistemológica assumida por Derrida leva-o a suspeitar da possibilidade de se estancar o jogo metafórico de qualquer discurso, seja ele científico, filosófico, ou literário e de se chegar a uma construção unívoca, como é a do plano do sentido. Em "La mythologie blanche", Derrida mostra co

mo a metáfora é o elemento gerador da linguagem e como desse modo está contida no próprio conceito:

Todos os conceitos que operaram na definição da metáfora têm sempre uma origem e uma eficácia metafórica.<sup>18</sup>

Em Derrida é visível, além da declarada, a influência nietzscheana no que se refere à questão da metáfora. Nietzsche já havia mostrado como o conceito de metáfora é totalmente "impróprio", uma vez que não é referido a um próprio absoluto, mas sempre a uma interpretação. Com isso, procura apagar a oposição entre metáfora e conceito, estabelecendo entre eles somente uma diferença de grau no que se refere ao caráter metafórico de cada um. Opera-se uma inversão na tradição metafísica que pensava o conceito como não metafórico, com sentido próprio, e a metáfora como sentido figurado, um mantendo-se dentro dos limites da ciência, a outra rejeitada de seu domínio e reservada à arte - à poesia.

O que ainda se declara a partir daqueles que promovem a desconstrução é que ocultar e dissimular o caráter de metaforicidade do conceito é um sintoma da "fragilidade da ciência" que usa a sistematicidade como um meio de dominação do mundo. A filosofia, como a ciência, no intuito de falar "propriamente" rejeita a metáfora de seu discurso e, por isso, tanto Nietzsche quanto Derrida instauram um tipo de filosofia que usa deliberadamente a metáfora, e esse ato inaugural vem paralelamente ligado a concepção de jogo.<sup>19</sup>

Denunciado o caráter de metaforicidade de todo conceito, a partir de sua própria base, como pode a ciência continuar operando com o que se anuncia não ter mais fundamento? Haveria nessas afirmações a tentativa de negar o conhecimento das coisas? e de instalar um babel de linguagens capaz de confundir os homens e anunciar seu crepúsculo? ou simplesmente se trata da substituição do mito da lógica da ciência pela lógica dos mitos?

Numa tentativa talvez de contornar essas questões, afirma-se, hoje, o caráter "inesgotável" de

toda interpretação. Michel Foucault, falando das técnicas de interpretação em Marx, Nietzsche e Freud revela o caráter inacabado de toda interpretação.<sup>20</sup>

Freud, na Interpretação dos Sonhos, afirma o caráter polissêmico de toda elaboração onírica e a impossibilidade de desvelar todo seu significado uma vez que

há, freqüentemente, uma passagem no sonho mais completamente interpretado, que tem que ser deixada obscura.<sup>21</sup>

Do mesmo modo que vimos um mito ser sempre depositário de outros mitos, em relação aos quais se apresenta como variante, proveniente de sucessivas transformações, um sonho tem ligação com outros sonhos, "eles têm freqüentemente um fundo comum" e, colocá-los em relação, isto é, em jogo, é, como na análise dos mitos, uma maneira de apreender seu sentido, de chegar ao ponto central que possibilita o mesmo sonho possuir diversas interpretações. Freud, contudo, parece oscilar entre a constatação da impossibilidade da análise cristalizar a polissemia, e o trabalho constante visando atingir o sentido.

É nesse campo epistemológico em que se decreta o caráter polissêmico de toda linguagem que se situam as críticas que Derrida dirige a qualquer metodologia que tente apreendê-lo, reduzindo-o a uma univocidade. Sua contra-proposta pode ser apreendida na leitura que faz do Fedro de Platão, em "La pharmacie de Platon", ou na "Double Séance", onde faz a leitura do Mimique de Mallarmé. Ler/interpretar um texto, segundo Derrida, é fazer o estudo de uma sistemática textual, mostrar a especificidade e originalidade de um jogo. Ele interroga a maneira pela qual os textos estão em jogo — jogam — isto é, se inscrevem uns nos outros: um texto é sempre depositário de outros, como o mito e o sonho.

Paralelamente à proposta de uma nova concepção de filosofia, história e interpretação, surge em Derrida a do texto: "tecido de enxertos (greffe), jogo fechado/aberto."<sup>22</sup> Um texto não tem um único "pai" — autor — uma única raiz, ele é um sistema de raízes. Além do mais, todo texto configura um enigma que

só se deixa apreender na cadeia dos significantes, através das remissões substitutivas. Através da me táfora do tecido, uma das diversas metáforas que se disseminam em "La pharmacie de Platon", Derrida mos tra como o próprio do texto é "regenerar-se" e "re fazer-se" após cada leitura, e que, nesse movimento de regeneração orgânica, a tessitura tende a ocul tar cada vez mais os seus "fios". A interpretação consiste em desfazer a trama, e em tecer um tecido com os fios extraídos de outros tecidos.<sup>23</sup>

Se a formalização decreta a falência do jogo metafórico, Derrida se empenha em recuperá-lo, inse minando-o no discurso da interpretação, no momento em que privilegia o jogo relacional e citacional dos significantes, tomando como elemntno gerador de sig nificação, jamais de sentido.

A significação distingue-se do sentido por não ser demonstrada na sistematicidade da formalização, mas denunciada a partir da ludicidade metafórica da própria leitura, sem que aí se estanque o jogo das diferenças. A interpretação não apenas persegue as diversas combinações de metáforas, mas faz com que ele prossiga indefinidamente e se inscreva no espa ço da leitura.

Podemos, pois, dizer que, em Lévi-Strauss, as relações dinâmicas são trampolim para se estabelecer uma arquitetura lógica, capaz de revelar as leis gra maticais comuns a todos os mitos, e, portanto, des velar o plano paradigmático, lugar onde as diferen ças superficiais dos efeitos de significação são abo lidas, em função da univocidade do modelo da estru tura, ou seja, do sentido. Em Derrida, o jogo pare ce constituir-se numa atividade sem fim. É sempre o jogo dos significantes no sistema textual, do qual emerge a significação. Daí a importância que conce de aos "corredores do sentido" - a intertextualida de - os quais permitem que se lance mão de uma série de outros textos para a construção de um significa do que só se dá na confrontação das diferenças, afir mando assim o caráter relacional e descentrado da significação, a polissemia.<sup>24</sup>

Na leitura do Fedro, Derrida caracteriza o phar makon socrático na sua ambigüidade irreduzível de

remédio e veneno, mostrando como seu significado oscila entre dois pólos — o positivo e o negativo, o manifesto e o latente, a "cena" e o "fundo da cena" da escritura, espaço no qual os significantes, na mobilidade do jogo, se guardam sempre como "reserva". Criticá-lo por não esgotar essa polissemia e por não aprisionar significado e significação no sentido é admissível, quando se aceita que a interpretação deve exaurí-la, "decidindo-se" por um dos pólos, e paralisando seu movimento na arquitetura de um modelo lógico.

Para Derrida, todavia, a decisão exige uma opção e esta não se dá inocentemente. Implica numa atitude política, num ato de poder de quem decide, como foi o caso do rebaixamento da escritura — pharmakon — pela metafísica etno-fono-logocêntrica, quando privilegiou apenas um dos pólos da palavra, neutralizando o anagrama que existia na língua platônica.

Assim, a problemática da decisão nos conduz a indagar sobre interpretações e poder, ciência e ideologia. Pelo caráter extremamente complexo de suas relações, preferimos deixar essa discussão em aberto, para retomá-la em outra oportunidade. No momento, nos restringiremos a duas colocações: 1) a procura de um sentido nos parece que revela e trai a necessidade de um centramento que por si já pode ser sintomático de um compromisso ideológico, que não é simplesmente superado pelo rigor e demonstrabilidade com os quais a análise se reveste. Especificamente no que se refere ao texto literário, a formalização pode ser elemento mutilador, na medida em que procura promover uma redução semântica, submetendo a linguagem literária a critérios demasiadamente formais, e, muitas vezes, até incompatíveis com sua natureza. 2) A opção pela polissemia revela-se mais adequada à especificidade do literário, uma vez que recupera uma característica que lhe é essencial: a ambigüidade e, sem retirar o discurso da Crítica Literária do estatuto de ciência, encontra para ela uma linguagem mais adaptada à realidade do objeto que estuda, disseminando e não neutralizando o movimento contido no espaço literário que é o jogo dos

elementos antagônicos, o seu pharmakon.

NOTAS

1 DERRIDA, Jacques. A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas. In: \_\_\_\_\_. A escritura e a diferença. São Paulo, Perspectiva, 1971, p.222-49.

2 Ibid., p.238.

3 Ibid., p.240.

4 Ibid., p.232.

5 Id. La pharmacie de Platon. In: \_\_\_\_\_. La dissémination. Paris, Seuil, 1972. p.71-197.

6 Cf. LÉVI-STRAUSS, Claude. Le cru et le cuit. Paris, Plon, 1964, p. 313; Antropologie structural deux. Paris, Plon, 1973, p.99.

7 DERRIDA, op.cit., nota 1, p.244.

8 Ibid., loc.cit.

9 Cf. verbete suplemento. In: SANTIAGO, Silviano, sup. Glossário de Derrida. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976, p.88.

10 DERRIDA, op.cit., nota 1, p.245.

11 LÉVI-STRAUSS, Claude. L'Homme nu. Paris, Plon, 1971.

12 Cf. ibid., p.285 e p.604.

13 DERRIDA, op.cit., nota 1, p.47.

14 SANTIAGO, Silviano. Análise e interpretação. In: \_\_\_\_\_. Uma literatura nos trópicos; ensaios sobre dependência cultural. São Paulo, Perspectiva, 1979, p.197.

15 Cf. LÉVI-STRAUSS. Le cru et le cuit. p.16.

16 Id. Antropologia estrutural. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975 p.263.

17 Id. Le cru et le cuit, p.313. Tradução nossa.

18 DERRIDA, La mythologie blanche; la métaphore dans le texte philosophique. Poétique, Paris, Seuil, (5):37, 1971. Tradução nossa.

19 KOFMAN, Sarah. Nietzsche et la métaphore. Paris, Payot, 1972.

20 FOUCAULT, Michel. Marx, Nietzsche et Freud. Paris, Minuit, 1967.



21 FREUD, Sigmund. A Interpretação dos sonhos. Rio de Janeiro, Imago, 1976, v.5, p.56.

22 DERRIDA, La Pharmacie de Platon. p.174.

23 Ibid., p.71.

24 Ibid., p.108.

#### SUMMARY

This paper examines the relationships between the literary studies and the human sciences, departing from the notions of sense and meaning, as delineated in the discourse of Lévi-Strauss's anthropology ; and Jacques Derrida's philosophy. It demonstrates how the same conceptual mechanism - the game - operates distinctly according to different epistemological postures and how that difference affects the problem of interpretation.